



A (in)visibilidade da infância no registro arqueológico da Amazônia antiga

MARIA LETÍCIA MOURA DE OLIVEIRA*

AVELINO GAMBIM JÚNIOR**

JELLY JULIANE SOUZA DE LIMA***

RESUMO: O tema da infância vem ganhando espaço ao se tornar campo de interesse para a história, antropologia e arqueologia. Na arqueologia, em especial, críticas têm sido feitas sobre as abordagens arqueológicas que não exploram a infância, quando o registro arqueológico permite fazer tais inferências. Na região amazônica até o presente momento são poucos os sítios arqueológicos que permitem inferir a presença das crianças. Em geral, a presença destas pode ser materializada principalmente nos sepultamentos e pequenos artefatos encontrados pelos arqueólogos. No entanto, a temática da infância deve ser pesquisada com cautela, pois no universo indígena, a definição do que é ser criança é diferente daquela encontrada na atualidade ocidental. Esta apresentação tem como objetivo primeiramente, trazer exemplos de caso de sítios arqueológicos do Estado do Amapá que mostram a presença destes invisibilizados. Posteriormente, serão feitos estudos que contemplam a materialização deste tema, o que possibilitará contribuir com construções culturais da infância na história indígena do Amapá.

Palavras chave: Infância, história indígena, arqueologia, antropologia.

* Acadêmica do curso de História da turma 2015.1 da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Bolsista de iniciação científica do CEPAP/UNIFAP.

E-mail: lemouradeoliveira@gmail.com

** Docente do curso de História pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Arqueólogo do CEPAP/UNIFAP.

E-mail: avgambimjunior@gmail.com

*** Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Arqueóloga do CEPAP/UNIFAP.

E-mail: julianejelly@gmail.com

Introdução

O tema da infância vem ganhando espaço ao longo do tempo ao se tornar campo de interesse de diferentes disciplinas. Os estudos iniciais sobre a infância de meninos e meninas podem ser encontrados nas fontes literárias ou históricas de forma muito ampla (ROMERO, 2010, p. 10). Quanto ao campo da História, podemos considerar como marco inicial que contempla a infância a obra de Philippe Ariès, *História Social da Criança e da Família* (1981) ao trazer temas ligados a Idade Média e a iconografia da época, além de assinalar as diferenças entre o mundo das crianças e adultos. No Brasil, temos a obra *Crianças no Brasil* (2004) organizado pela historiadora Mary Del Priore. Nela, vários autores contribuem com estudos que retratam as crianças e a infância desde a época colonial até o império.

Na antropologia, a partir das pesquisas *in loco*, esse tema vem sendo explorado desde a década de 1960 (COHN, 2005). Clarice Cohn (2005), a partir do estudo de caso da infância dos Xikrin, do sudoeste do Pará, publicou o livro *Antropologia da infância* onde expõe sua experiência sobre o tema. A autora lembra como o tema da infância e da criança deve ser visto com cautela, principalmente quando lidamos com a questão indígena, na qual segundo a mesma (COHN, 2005, p. 09), “*não podemos falar de crianças de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que elas ocupam naquela sociedade*”.

Com isto em mente, é importante destacar como a arqueologia pode contribuir com o tema da criança e a infância no passado. Baxter (2008, p. 160) ressalta que tais estudos podem ser considerados emergentes na arqueologia. O tema da infância na arqueologia ganhou destaque com as reflexões feitas por Grete Lillehammer, na década de 70 (ROMERO, 2010, p. 10). Uma evolução lenta sobre esse tipo de estudo, fez surgir congressos como o da *Sociedade para estudos da infância no passado* e o *Jornal para estudos da infância* (ROMERO, 2010). Somente a partir da década de 90 no cenário internacional é que os estudos das crianças/infância passaram a proliferar (BAXTER, 2008, p. 160).

Tanto na antropologia, história e arqueologia chegou-se a conclusão que as discussões multidisciplinares e a integração das informações podem contribuir para a construção de um quadro que vise mostrar essa presença frequentemente invisibilizada em qualquer lugar do mundo ou período histórico (ROMERO, 2010, p. 10).

Na arqueologia, em especial a presença das crianças no registro arqueológico é amplamente aceita (SCOTT 1999; SOFAER, 2000). No entanto, críticas têm sido feitas sobre

as abordagens arqueológicas que não exploram a infância, quando o registro arqueológico permite fazer tais inferências. Conforme Lillehammer (2010) e Renfrew e Bahn (2005), uma das razões para que a criança seja completamente ignorada nos levantamentos das pesquisas provem do pequeno impacto que as mesmas têm no pensamento arqueológico e também em relação aos métodos.

Segundo Evan Baxter (2008, p. 10) foram desenvolvidos três principais frentes quanto a arqueologia da infância: “*como as crianças experimentam o mundo deles, como se dá as relações entre os dois mundos, o adulto e a criança e a forma como os adultos compreendem o mundo das crianças (Lillehammer).*”

Uma terceira razão para os poucos estudos na arqueologia que se dedicam a esse tema pode estar relacionada à formação profissional específica que lide com o tema. Além disso, é preciso compreender que o conceito de criança/infância pode variar de sociedade para sociedade e no tempo.

É a partir destas questões que esta pesquisa visa situar como a temática da criança/infância deve ser pesquisada com cautela, pois se no universo indígena no presente a definição do que é ser criança é diferente daquela encontrada na anteriormente e na atualidade ocidental, conforme mencionou anteriormente Cohn (2005), o passado deve ser entendido com atenção. Em seguida, apresento um breve percurso nos registros arqueológicos em contextos gerais, na Amazônia e finalmente no Amapá e como a presença destas pode ser materializada principalmente nos sepultamentos e pequenos artefatos encontrados pelos arqueólogos.

O que é ser criança?

Em primeiro lugar devemos evitar uma ideia de infância universal – o que nos faz lembrar a clássica demonstração de Ariès (1981) de que a ideia de infância (e o sentimento de infância) tem uma origem histórica muito localizada, e é, portanto, mais propriamente ocidental. Uma maneira de se pensar no tema da infância entre as sociedades ameríndias é através da noção de corpo construído e das diferentes noções de pessoa (Seeger, DaMatta, Viveiros de Castro, 1979).

A etnologia já vinha mostrando que a noção de pessoa, e a fabricação dos corpos cujo idioma da corporalidade é fundamental para entender os mundos indígenas e suas sociabilidades. Desse modo, se a noção de pessoa, e a fabricação da pessoa e dos seus corpos, são cruciais para os ameríndios, segundo defende Cohn (2013) elas devem ser basais

igualmente para se entender “*suas noções de infância, suas experiências de infância, as experiências corpóreas das crianças, e as intervenções sobre estes corpos que se fazem*” (COHN, 2013).

Dentro da etnologia, pensando nesse corpo construído e construção da pessoa, o foco tem sido desde então no aprendizado, no ver, no ouvir, nas ornamentações corporais, na alimentação, nos remédios, na mobilidade e brincadeiras em que fazem parte e que tem a ver com os diferentes papéis sociais que assumirão ao longo da vida no processo de crescer (Cohn, 2013). Entre os Xicrin, segundo coloca Cohn (2010,2013) este é um processo lento que é mediado por objetos que adornam seus corpos ou são fabricados por eles ”*para brincar e intervir no mundo (Cohn, 2000a; 2000b; 2002a; 2012) e por diversas relações – de comensalidade, de nomeação, de amizade formal...*” (COHN, 2013).

Além disso, as crianças, como apontam outras etnografias podem servir como mediadoras de sociabilidades e nas relações entre os vivos e os mortos como no caso dos Maxacali, por exemplo, onde as crianças ao longo de seu amadurecimento devem ser cuidadas tanto na vida quanto na morte e que tem uma atuação importante tanto no cotidiano quanto no ritual (COHN, 2013).

Uma questão que a antropologia trabalha é justamente a criança produtora da cultura (COHN, 2005), no qual:

“A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos (sejam eles objetos, relatos ou crenças), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. Portanto, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa.” (COHN, 2005, p. 33).

Esses exemplos servem para mostrar que não existe uma universalidade ao tratarmos da infância e os diferentes modos de enxergar a criança, de modo que não devemos pensar em uma noção de infância ameríndia, mas sim a sua percepção quanto a sua condição respeitosa, autonomia e capacidade, o papel que aquela criança exerce dentro do meio na qual ela vive.

Novamente indo de encontro com a importância da noção de pessoa e construção das corporalidades entre os ameríndios “*perguntar-se sobre as infâncias indígenas é, portanto, perguntar-se sobre como um processo que é mais geral incide sobre as crianças e é vivido por elas*” (COHN, 2013).

A antropologia busca compreender e entender com quem e sobre quem ela pesquisa, procurando através do próprio objeto de estudo entender como ele se enxerga no meio em que vive, e como contribui naquela sociedade, juntamente com a arqueologia e a história é possível construir uma ideia do que era ser criança naquele período histórico e naquela sociedade, levando em conta não somente os achados osteológicos e materiais encontrados pelos arqueólogos, mas também a cultura daquele terminado povo.

Contextos arqueológicos e as crianças

No Brasil, as pesquisas arqueológicas têm contribuído encontrar indicadores da presença das crianças no registro arqueológico. Como indicadores da presença de crianças conforme visto nesta revisão, até o momento temos os chamados sítios Sambaquis que estão localizados principalmente no litoral sul e sudeste do Brasil. A pesquisa iniciada em 2007 e coordenada pela arqueóloga Sheila Mendonça, da Escola Nacional de Saúde Pública (FIOCRUZ), no sítio arqueológico Cubatão I, localizado em Joinville (Santa Catarina), permitiu registrar 20 sepultamentos, dos quais metade deles são de crianças, conforme exemplificado pela figura 1.



Figura 1: Um dos sepultamentos de crianças encontrados no sítio Cubatão I, Santa Catarina. (Foto: Souza, 2008).

Em outro sítio funerário brasileiro, a Toca dos Caboclos, na Serra da Capivara, Piauí, Sheila Mendonça e colegas (2002) observaram a preservação seletiva de partes mumificadas de corpos de crianças que haviam sido colocados dentro de vasilhames cerâmicos (Souza et al, 1998).

Os dois casos apresentados acima demonstram condições climáticas e pós deposicionais favoráveis que permitiram a preservação dos ossos, mas como veremos abaixo, na Amazônia, por mais que ainda persista um mito de dissolução biológica (Souza, 2010), que de fato tem um fundo real, foi possível identificar remanescentes humanos de crianças no registro arqueológico para a vasta região Amazônica, como na Amazônia Central e Guianas Orientais, incluindo o estado do Amapá.

Ao nos voltarmos para a região amazônica, temos alguns casos onde se podem vislumbrar as crianças dentro do registro arqueológico sejam através de artefatos seja através dos vestígios de remanescentes humanos.

Em relação aos artefatos segundo apresentado em uma comunicação no encontro regional da II SAB NORTE, Solange Caldarelli (2014) discute a evidencia de cerâmicas miniaturizadas no sítio Moju 1 na bacia do rio Pará, datado por volta do século XI AD, como provavelmente feitas por crianças e através da espacialização dos vestígios no interior de uma antiga aldeia. É através destes correlatos que através da bibliografia que trata da criança no registro arqueológico e fontes etnográficas sobre o universo das crianças foi possível inferir os usos dos espaços e atividades realizadas por crianças.

Quanto aos remanescentes humanos, temos a evidencia direta de crianças em contextos funerários, o que também é interessante para pensar na organização social dessas sociedades, lembrando é claro de suas limitações quanto a possíveis generalizações. Nesse quesito, Py-Daniel (2009) no sítio Hatahara, com datações do século VII ao XI AD, na Amazônia Central, identificou nove sepultamentos onde foi possível identificar crianças em um universo formado por vinte e oito sepultamentos, sendo que destes nove sepultamentos apenas um era dentro de uma urna funerária.

Voltando-nos as Guianas orientais temos algumas ocorrências de indivíduos infantis identificados em sepultamentos para os sítios Awala Yalimapo (Coutet et al, 2014) datado do século XI a XVIII AD e para o sítio EVA II (Van de Bel, 2015) datados do século XVII a

XIX AD, encontrados em urnas funerárias e em enterramentos diretos primários (cujas análises foram realizadas respectivamente por Therry Janin e Thomas Romon).

Ao nos voltarmos para a costa atlântica na região de Calçoene, no sítio AP-CA-18, nos bem conhecidos megalitos e poços funerários em forma de bota, coordenados por Saldanha e Cabral (2008, 2013), com datações por volta do século IV a XVI AD, foram identificados por Py-Daniel (2015) pelo menos dois sepultamentos com a presença de vestígios esqueléticos de crianças junto a adultos encerrados em urnas funerárias dentro de poços funerários.

Para a região do Igarapé do Lago em Mazagão, foi identificado nos trabalhos arqueológicos realizados na Gruta das Caretas coordenado por Guapindaia (2001), de um universo de mais de oitenta urnas das quais apenas vinte e duas continham ossos em seu interior a presença de ossos de criança em pelo menos uma urna analisada (figura 2), no que Mendonça de Souza e Carvalho de Souza (2001) levanta a hipótese de tratamento diferenciado às crianças, mas lembram que será necessário mais pesquisas e estudos tafonomicos. Tais sítios cemitério Maracá foram datados por volta dos séculos XVII a XVIII AD.



Figura 2: Gruta das caretas onde foram identificados os remanescentes humanos de um indivíduo infantil (Fonte: SILVERMAN & ISBELL, 2008)

Em Santa Luzia do Pacuí no município de Macapá, foi identificada por Sganzerla e colegas (1998) uma urna funerária com o que pareciam ser ossos de indivíduo infantil.

Para o município de Laranjal do Jarí, no sítio Laranjal do Jarí I, coordenado por Saldanha e Cabral (2009 e 2011), foi identificado por Py-Daniel (2015) ossos de crianças junto a adultos, em um sítio datado do século VIII ao XVII AD.

Para a cidade de Macapá, no sítio Curiaú Mirim I, coordenado por Saldanha e Cabral (2012, 2014), foi identificado por Gambim Júnior (2016), de um universo de três sepultamentos, uma urna funerária com dois indivíduos infantis e uma urna com remanescentes de indivíduo adulto feminino junto a ossos de uma criança (figura 3), uma urna com quatro indivíduos, sendo pelo menos dois deles representados por crianças e infantes, e uma funerária com um infante junto a um adulto. Tal sítio possui datações absolutas que o situam temporalmente por volta do século X ao XVII AD (GAMBIM JÚNIOR, 2016).



Figura 3: Sepultamentos infantis encontrados no sítio Curiaú Mirim I, localizado na cidade de Macapá. (Fonte: GAMBIM JR & LIMA, 2017).

Considerações Finais:

Segundo o que foi exposto, podemos vislumbrar que não há de fato uma invisibilidade quanto a presença das crianças no registro arqueológico, em especial os últimos casos levantados para o estado do Amapá.

Enfatizamos ainda que os estudos sobre a infância e a criança no universo ameríndio não necessitam estarem pautadas em dados puramente quantitativos, mas também nos dados qualitativos, no intuito de realizarmos algumas reflexões e inferências quanto aos dados empíricos apresentados.

Temos ainda outros sítios que estão em processo de publicação de resultados e que foram recentemente escavados, como por exemplo, o sítio AP-MA-Vila Tropical, coordenado por Nunes Filho (2014) dos quais estão sendo gerados dados e realizadas duas iniciações científicas pelo CEPAP/UNFAP que buscam entender respectivamente o universo funerário neste estudo de caso (e outros sítios presentes na reserva técnica do CEPAP/UNFAP) e buscar dados qualitativos para discutir presença da criança no registro arqueológico.

Mais uma vez, salientando a importância da contribuição que a antropologia e a história têm proporcionado para a arqueologia, buscando compreender esse universo da infância e a relação dela com o meio na qual ela se relaciona, e as diferentes relações sociais nas quais cada sociedade em particular possui.

A intenção inicial deste projeto é primeiramente identificar a presença dessas crianças seja nos artefatos cerâmicos ou outros vestígios que possam permitir vislumbrar sua presença, não apenas na evidencia direta desses indivíduos através dos remanescentes esqueléticos.

Referências Bibliográficas

BAXTER, Jane Eva. The archaeology of childhood. **Annual Review of Anthropology**, v. 37, p. 159-175, 2008.

BEL, M. van den. **Archaeological investigations between Cayenne Island and the Maroni river** : a cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present. Tese de doutorado, Universidade de Leiden. Sidestone Press, Leiden, 2015.

CABRAL, M. P. ; SALDANHA, J. D. M. Um sítio, múltiplas interpretações: o caso do chamado “Stonehenge do Amapá”. **Publicação Anual** no 3, p. 7. 2008.

COHN, Clarice. Antropologia da Crianç. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
_____. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n. 2, 2013.

DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. Editora Contexto, 2001.

GAMBIM JUNIOR, Avelino. **Corpo, vida e morte na Foz do rio Amazonas: as estruturas funerárias do sítio Curiaú Mirim I/AP**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional, UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

GAMBIM JUNIOR, Avelino & LIMA, Jelly Juliane Souza de. Ser criança e a infância no passado ameríndio: como aprender com as diferenças culturais no ensino de história. **Jardim de histórias: discussões e experiências em aprendizagem histórica**, p. 47, 2017.

GUAPINDAIA, Vera. Prehistoric funeral practices in the Brazilian Amazon: the Maracá urns. In SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William (Ed.). **Handbook of South American Archaeology**. Springer Science & Business Media, 2008.

LILLEHAMMER, Grete. Archaeology of Children/Arqueología de la infancia. **Complutum**, v. 21, n. 2, p. 15-45, 2010.

PY-DANIEL, Anne Rapp. **Arqueologia da morte no sítio Hatahara durante a fase Paredão**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)- Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **Os contextos funerários na arqueologia da calha do rio Amazonas**, Tese de doutorado, USP, São Paulo, 2015

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology: theories, methods, and practice**. New York: Thames and Hudson, 2005.

ROMERO, Margarita Sánchez. ; Eso no se toca! Infancia y cultura material en arqueología/Don't touch that! Childhood and material culture in Archaeology. **Complutum**, v. 21, n. 2, p. 9-13, 2010.

SALDANHA, J. D. M. ; Cabral, M.P. **Relatório Final - Projeto de Resgate Arqueológico na Cerâmica João de Barro, Macapá, AP: IEPA**. 2012.

SOFAER, Joanna R.; DEREVENSKI, Joanna Sofaer (Ed.). **Children and material culture**. Psychology Press, 2000.

SOUZA, SMFM de et al. **Mumificação natural na toca da Baixo dos Caboclos, sudeste do Piauí: uma interpretação integrada dos dados**. Canindé, 2002.

SOUZA, Sheila M. F. Mendonça de, GUAPINDAIA, Vera e . RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. A necrópole Maracá e os problemas interpretativos em um cemitério sem enterramentos. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** 17(2):479-520. Belém, 2001.